

MUSEU DA IMPRENSA

Famílias sem-teto são acusadas de destruir acervo

Parte do acervo de livros e jornais que seriam usados para o Museu da Imprensa foi queimado durante manifestação dos invasores do Casarão do Parque. O proprietário dos exemplares e diretor de Pesquisa da Associação Sergipana de Imprensa (ASI), Clarêncio Martins Fontes, contou que está preocupado com o destino dos mais de dois mil livros que ainda estão no local, pois não tem lugar para guardar às relíquias.

Segundo ele, há 15 anos mantém o acervo em uma das salas do prédio desde a época em que o dono do espaço ainda era vivo. "Até hoje existe um litígio das duas viúvas para vender o prédio, mas, até hoje não vendeu. A Defesa Civil e o Ministério Público vêm fiscalizando por causa da estrutura estragada e das ligações clandestinas da Energia e da Deso", colocou Clarêncio Martins, acrescentando que ninguém se interessou em comprar devido a uma dívida milionária com impostos.

"Na verdade eu sempre estive esperançoso e negligente na expectativa de encontrar um local para abrigar esse acervo e, com isso, fui deixando até que esses invasores queimaram parte dos livros", lamentou o jornalista.

Atualmente, segundo Clarêncio Martins Fontes, está pedindo ajuda aos órgãos públicos ou privados para que o ajudem a encontrar um local para guardar os livros e, que futuramente, possa implantar o Museu. Agora, com a decisão do



JORNALISTA Clarêncio Fontes afirma que invasores do Casarão do Parque destruíram parte de seu acervo

Ministério Público que estabeleceu prazo de dias para a retirada das famílias e fechamento do prédio, não ver perspectiva de encontrar um espaço em tempo hábil.

"Lamentavelmente, com a notícia de reintegração de posse do prédio os manifestantes queimaram meus livros para protestarem, mas o único prejudicado fui eu. Eles, além dos livros jogaram moedas valiosas e inúmeros exemplares de jornais antigos que colecionava", lamentou o diretor da ASI.

Nos próximos dias, ele vai prestar queixa na Delegacia sobre as prateleiras que levaram e de outros pertences. "O MP disse que eu tenho que agilizar a remoção desses livros para eu não perder. Ali existem livros e coleções valiosas. Quero um espaço para guardar os livros que foram salvos. Vou prestar queixa do que desapareceu como quadros raros. Na verdade, não quero pensar no que roubaram e, sim, em salvar o que restou", finalizou.

As famílias, oriundas do despejo do 17 de Março, queimaram os livros no dia 07, com uma manifestação entre as ruas Propriá e Capela contra a ordem judicial de reintegração de posse do edifício Casarão do Parque. A decisão pela reintegração de posse em favor do proprietário do imóvel foi assinada pela juíza substituta Vanessa Neves Serafim Souto, da 11ª Vara Cível, no dia 14 de junho deste ano.